

Fátima na luz da Páscoa

1 a 4 de abril de 2021, Tríduo Pascal / Santuário de Fátima

VIGÍLIA DO TERCEIRO DIA

QUARTO ENCONTRO

Desejo ardentemente este dia, porque o túmulo não aniquila tudo e a felicidade do amor eterno e infinito começa já

1. Pórtico

Terminamos com este momento o itinerário que quis ajudar-te a beber a luz de Fátima na luz da Páscoa. Pela mão de Lúcia, poderás chegar ao desejo da palavra que o dia de amanhã pronunciará. Abre de novo ainda a tua liberdade a Deus, como os pastorinhos de Fátima. E esta Páscoa, Páscoa interior, acontecerá em ti e transfigurará os teus dias.

Deixa-te tomar pela expectativa desta hora vespertina. Acende o desejo de Deus. A noite dará lugar ao dia. Abre o teu olhar para a luz desse dia, o dia da nova criação. Tudo será renovado. A ressurreição de Jesus oferece ao tempo a esperança, a morte já não tem a última palavra e a vida encontra uma nova fonte de luz. É essa luz, a luz da ressurreição de Cristo, que envolve a Senhora mais brilhante do que o sol que em Fátima apareceu com olhar de paz e palavras de Páscoa. É essa luz, a luz que é o próprio Deus, que nas mãos da Senhora se refletia e consentia aos pastorinhos verem-se a si mesmos em Deus, interiorizarem o sentido das suas vidas na história de Deus com os homens. Queres?

A noite que vem é a noite dessa luz. E o momento escuro que o mundo atravessa nesta Páscoa não diminui a luz que esta noite dá à noite da história. É na escuridão que a luz mais intensamente brilha e alumia. E, nesta Páscoa como poucas vezes, a luz irromperá e pedirá corações onde morar. Porque é interior esta luz. É interior esta Páscoa. Queres oferecer-te à luz como morada em que habite?

No silêncio, deixa-te conduzir pela mão de Lúcia para dentro do desejo do mistério da luz.

2. Leitura

Terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro.

/ Mt 28,1

Não preciso de mais: obediência e abandono em Deus que é Quem opera em mim. Na verdade, não sou mais que o pobre e miserável instrumento de que Ele se quer servir e que dentro em pouco, como o pintor que arremessa ao lume o pincel inutilizado, para que se reduza a cinzas, assim o Divino Pintor fará reduzir às cinzas do túmulo o Seu inutilizado instrumento, até ao grande dia das aleluias eternas. E eu **desejo ardentemente este dia, porque o túmulo não aniquila tudo, e a felicidade do amor eterno e infinito começa já.**

/ Lúcia de Jesus, nas suas *Memórias*

3. Meditação

«Desejo ardentemente este dia».

Creio que estás de esperanças, Lúcia. Estás grávida da esperança de uma vida nova.

Recordo as mulheres, que observaram o descanso de todo um Sábado, que descansaram no silêncio de Deus, e que correram para o túmulo ao romper do primeiro dia da semana. A Maria de Magdala e a outra Maria acreditaram, de facto, no que Jesus dissera. Contra toda a razoabilidade, elas acreditaram. As duas Marias observaram o descanso como se nunca se tivessem afastado do túmulo. Correm para o túmulo onde já estão. De onde nunca saíram. Foi no primeiro dia da semana que há de vir a ser o primeiro e único dia das suas vidas. Mesmo se não sabem. Porque sabem.

Como desejo viver assim a cada instante, ao jeito destas mulheres presas pelo romper do dia em que podem ir ao túmulo testemunhar aquele que já lá não está. Mesmo se não sabem. Porque sabem.

Quantas vezes me pergunto, Lúcia: como haverei de esperar que Deus continue presente, quando os túmulos se multiplicam ao meu redor e no meu interior? Quantas

vezes me confundo nas esperanças e me acomodo aos sonhos do passado, ao que poderia ter sido se a história não fosse o que foi, se não houvesse cruz e dor e derrota? Quantas vezes me acomodo à grande pedra amovível que fecha o túmulo, à resignação dos dias que passam sem riscos? Faltam-me as saudades do túmulo. Falta-me a paciência da esperança no tempo da espera. Falta-me abraçar a estranha promessa de Deus como se disso tudo dependesse. Mesmo se não sei. Porque sei.

Diante do túmulo fechado, o povo de Deus aprende que o lema da sua missão não é a eficácia, mas a paciência. Que o que há a desejar é a paciência que ilumina a espera.

Tu aprendeste a espera, não foi, Lúcia?

Recordo quando a Senhora te disse que levaria breve os teus primos para o Céu, mas que queria que ficasses cá ainda «mais algum tempo». Ficaste triste porque receavas ficar sozinha. E foi só quando a Senhora te ofereceu um abraço com os contornos do Céu que compreendeste que no horizonte de Deus nunca o silêncio é vazio desamparado. Aprendeste a espera ali, naquele momento em que te foi dada a promessa do Céu. E viveste com saudades do Céu a vida toda, com saudades da «felicidade do amor eterno e infinito» que «começa já». O momento do reencontro prometido, que não conhecias, que não dominavas, cujos contornos te eram estranhos, passou a ser a tua vida. Tinhas saudades do futuro. Do futuro de Deus.

E, no túmulo do Carmelo, no esconderijo da clausura, a tua vida fala-me do futuro de Deus. O teu testemunho foi apenas oferta da vida toda para ser transparência do dom que Deus confiou nas tuas mãos. Quando falham as palavras, é a biografia quem incarna a história de Deus. E aquele que se deixa enamorar por Deus converte-se em transparência da sua promessa. Ser testemunha é apenas isto. E isto é tudo.

Sabes, Lúcia, por vezes duvido daquilo que digo acreditar e formulo respostas às muitas perguntas que me incomodam como que a convencer-me, a mim e aos outros, de que acredito no que digo acreditar. Por vezes assusto-me diante do túmulo fechado. E agora? E agora que o túmulo está selado, o que há ainda a esperar?

Aprendo a não disfarçar as minhas esperanças com estas mulheres que correm para o túmulo de onde nunca saíram. Mesmo se não sabem. Porque sabem. Porque na honestidade da sua corrida, ao romper do primeiro dia da semana, intuo que o Cristo não pode não fazer qualquer diferença. A derrota há de ser ainda revelação. Ele disse-o. Ele prometeu. Ao terceiro dia.

E as mulheres correram para o túmulo vestidas daquele terceiro dia.

Ensina-me as saudades do futuro de Deus, Lúcia. Ensina-me a paciência que ilumina a espera. Ensina-me o desejo ardente do dia novo, que é travessia, *Pessach*, Páscoa.

Ensina-me a vestir-me do terceiro dia, do dia da promessa. Mesmo se não sei. Porque sei.

Também estou de esperanças, Lúcia. Também engravidei da esperança de um dia novo.

«Desejo ardentemente este dia».

4. Contemplação

Neste quarto momento do último encontro, é proposta a contemplação da Cruz luminosa que preside às procissões da noite, no Recinto de Oração do Santuário de Fátima, enquanto se escuta o último andamento do *Requiem* de Gabriel Fauré: *In Paradisum*. O texto desta obra musical encontra-se abaixo (no original latino e em tradução portuguesa). Sugerimos que esta experiência contemplativa seja enquadrada pela leitura histórico-artística e espiritual oferecida após o texto desta última parte do *Requiem*.

O vídeo está disponível em <https://youtu.be/sP51FqL3I9g> (clicar na ligação).

/ Requiem, Op. 48: VII. In Paradisum, Gabriel Fauré
/ Cruz luminosa, no Recinto de Oração do Santuário de Fátima

In paradisum deducant te angeli

In tuo adventu

Suscipiant te martyres

Et perducant te

In civitatem sanctam Jerusalem

Chorus angelorum te suscipiat

Et cum Lazaro quondam paupere

Aeternam habeas requiem.

Levem-te os Anjos ao Paraíso,

à tua chegada

recebam-te os Mártires

e te conduzam

à cidade santa de Jerusalém.

O Coro de Anjos te receba,

E com Lázaro outrora pobre,

Tenhas um repouso eterno.

Cristo, o Filho de Deus desce hoje ao túmulo. Por isso «um grande silêncio reina hoje sobre a terra; um grande silêncio e solidão [...] porque Deus morreu segundo a carne e acordou a região dos mortos. [...] Vai à procura de Adão, nosso primeiro pai, a ovelha

perdida. Quer visitar os que jazem nas trevas e as sombras da morte»¹. E a região dos mortos encheu-se da claridade da sua luz.

In Paradisum (do latim, “ao paraíso”) é uma antífona tradicional da liturgia latina, habitual nas Missas de *Requiem* (Missa de defuntos). Comumente cantado na procissão de enterro, o texto faz referência, em tom de desejo, à entrada jubilosa no Céu («a cidade santa de Jerusalém»), lugar do repouso eterno.

Gabriel Fauré, um dos muitos compositores deste tema, fugindo aos cânones da sua época, evidencia para nós a passagem da morte e a promessa do Céu como uma mensagem de esperança e de redenção; o seu *Requiem* não expressa medo ou ameaça. Ela é antes «uma canção fúnebre de embalar. [...] uma entrega feliz, uma aspiração à felicidade celestial», diz Fauré. Sem teatralização dramática nem triunfalismos, a sua melodia contemplativa e sem excessos, preta de intensidade espiritual, leva a crer na ressurreição como uma aurora de bênção e cura, cuja luz suave e subtil permeia, restaura, plenifica e ilumina a condição humana.

A cruz luminosa do Redentor, cujo amor é mais forte que todas as mortes, irradia sobre os nossos túmulos interiores prometendo a vida eterna, caminha connosco, à nossa frente e brilha sobre nós, iluminando os nossos passos na peregrinação que empreendemos ainda nesta terra, rumo à casa paterna. «Desejo ardentemente este dia, porque o túmulo não aniquila tudo e a felicidade do amor eterno e infinito começa já».

¹ “In sancto et magno Sabbato”, in SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA, *Liturgia das Horas*, SNL, Lisboa, 2016, consultado em <http://www.liturgia.pt/lh/pdf/043TriPasSab.pdf>.

5. Oração

Abbá, Pai terno e bom:

a Senhora que em Fátima se apresenta como refúgio,
como abrigo sob o qual pode a esperança germinar,
desabrochando em caminho para ti
e ânsia pelo teu encontro,
ajuda-me a redirecionar o olhar,
a levá-lo para a aurora que se vislumbra
nos silêncios do tempo da espera.

Unido ao amoroso dom de si de teu Filho,
quero dispor-me à confiança em ti, como ele,
essa confiança que, porque assim alicerçada,
é capaz de tornar-se geradora de tanto bem para tantos.

Deixando-me iluminar pelas vidas de Santa Jacinta e de São Francisco
e pelo testemunho de Lúcia, tua serva,
rogo-te que derrames sobre os vazios e os silêncios que me habitam,
tantas vezes desprovidos de esperança e confiança,
a luz do terceiro dia, o Dia Novo, que já se anuncia,
para que também eu, por ti renovado e recriado,
possa levar essa luz, a luz que és tu, aos recantos mais sombrios.

Ámen. Sim, quero.

Textos

André Pereira

José Nuno Silva

Pedro Valinho Gomes

Sandra Bartolomeu, sns



SANTUÁRIO DE FÁTIMA
SHRINE OF FATIMA